

# **O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP**

Marilia Araujo Roggero



## **O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP**

### **THE EXERCISE OF DAILY MEASURES AND SPATIALITY IN THE METROPOLIS OF THE FIRST YEAR UNDERGRADUATE STUDENTS IN GEOGRAPHY – USP**

#### **RESUMO**

O presente artigo foi concebido a partir do exercício “As medidas do cotidiano” idealizado e elaborado pela prof. Dra. Fernanda Padovesi Fonseca. Esse exercício foi solicitado aos alunos do primeiro ano de graduação em Geografia na disciplina “Introdução à Cartografia” no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo no ano de 2012. A ideia do exercício era que cada aluno pudesse pensar geograficamente os conceitos ligados ao urbano muitas vezes negligenciados pelos Geógrafos, e também, pensar na relação deles com a cidade. Por exemplo, será que as noções de distâncias, tempo, espacialidade, escala são compreendidas por todos da mesma maneira? Certamente que não. São Paulo por ser uma metrópole, não permite aos seus cidadãos que seu cotidiano ocorra na escala do município. Portanto, o artigo proposto analisará por meio dos dados obtidos e com os verbetes escolhidos para

# O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP

Marília Araujo Roggero

reflexão (escala geográfica, território, rede geográfica, metrópole, megalópole, giralópole, acessibilidade, distância, lugar, espacialidade) e elaboração exercício, as formas de apropriação do espaço da metrópole pelos alunos de geografia do primeiro ano.

**Palavras-chave:** Medidas do Cotidiano, Lugar, Acessibilidade, Cartografia.

## ABSTRACT

The present article was conceived from the task “daily measures” idealized and created by Prof. Phd. Fernanda Padovesi Fonseca. This task was demanded for the students from the first year of Geography graduation, on the course “Introduction to Cartography” in the Department of Geography from Universidade de São Paulo in 2012. The idea of this task was that each student could be able to think geographically the concepts linked to the urban, a lot of times neglected by geographers, also think about their relationship with the city. For example, will the notions of distance, time, spatiality, scale are understood by all of them in the same way? Certainly not, São Paulo for being a metropolis, does not allow its citizens to their daily lives take place in the municipal scale. Therefore, the article proposed analyze through the data, and with the chosen entries (geographic scale, territory, geographic network, metropolis, megalopolis, giralópole, accessibility, distance, place, spatiality) for the drafting task, the forms of appropriation of space the metropolis by the first-year students in Geography.

**Key-words:** Daily Measurements, Place, Accessibility, Cartography.

## Introdução

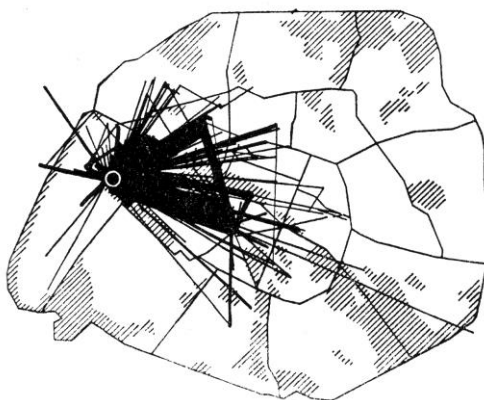
O exercício proposto na disciplina baseou-se na experiência do conhecido “mapa da menina” elaborado em 1957 por Paul-Henry Chombart de Lauwe, que acompanhou

# O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP

Marilia Araujo Roggero

os trajetos de uma jovem em Paris durante um ano. A ideia central para que cada aluno elaborasse um mapa de seus deslocamentos durante duas semanas foi a de que os mesmos visualizassem e analisassem quais regiões de São Paulo compreende o seu cotidiano. Para isso, cada aluno individualmente fez anotações diárias de seus trajetos pela cidade (ou região metropolitana) pelo período de uma semana. Essas anotações continham coordenadas dos locais de partida e chegada, bem como tempo de locomoção, modo e custo.

**Figura 1: Mapa da menina - Paul-Henry Chombart de Lauwe**



Fonte: <http://www.ethanzuckerman.com/blog/2011>. Acesso em 17/07/2012

Além disso, os alunos puderam explorar verbetes de alguns autores que apresentam conceitos como: lugar, metrópole, distância, escala geográfica, espacialidade, acessibilidade, análise espacial, entre outros. A ideia da utilização dos

# O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP

Marilia Araujo Roggero

verbetes foi propiciar uma análise do cotidiano baseada em conceitos geográficos, muitas vezes esquecidos pelos geógrafos, que se atentam mais a análise empírica e negligenciam muitas vezes a importância dos conceitos para a elaboração de análises geográficas.

## **Metodologia - Análise dos dados obtidos**

De 67 exercícios compilados para a análise (num total de aproximadamente 140 alunos) 72% dos alunos vivem em São Paulo, mas desses, somente 6% declararam ter alguma atividade em outros municípios que compõe a Região Metropolitana. Dentre os alunos que vivem em outros municípios da Região Metropolitana todos declararam realizar atividades na cidade de São Paulo, além de frequentar a Universidade, como por exemplo, visitar parentes, lazer, compras, entre outros. Outro aspecto interessante identificado é que os alunos que moram nas zonas oeste e central da cidade de São Paulo, apresentaram um deslocamento menor, isto é, suas atividades concentram-se próximas umas das outras, mesmo para o lazer. O resultado indica que a distância e o tempo para esse grupo são fatores que determinam sua mobilidade e, portanto, a acessibilidade. Para esse grupo, a cidade de São Paulo, não é a mesma dos grupos que moram nas zonas sul e leste que descrevem as distâncias e o tempo de deslocamento como sendo as grandes desvantagens com relação à acessibilidade na metrópole. Deste modo, apesar de diversas discussões sobre as várias centralidades da metrópole, São Paulo ainda representa um papel central significativo na região metropolitana.

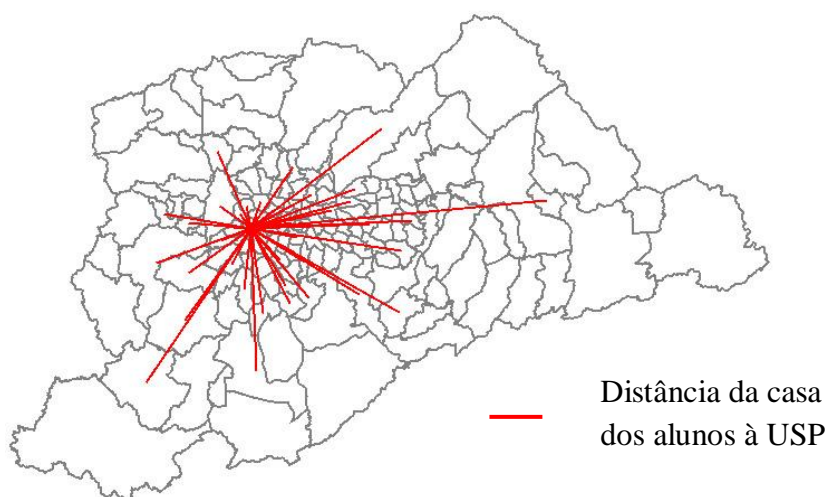
A mobilidade explicitada nos resultados dos exercícios deve ser encarada como conceito que vai além do deslocamento espacial, como por exemplo, a mobilidade social. De acordo com Marandola Júnior (2008) o fenômeno da mobilidade envolve diversos fatores e processos distintos que se encontram na base estrutural do sistema

## O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP

Marília Araujo Roggero

produtivo e no cotidiano vivido das pessoas e que englobam: o sistema de transportes, gestão pública desses espaços, refletindo nas formas urbanas e nas interações espaciais até nas dinâmicas demográficas específicas como migração, estrutura familiar e ciclo vital. Conforme ressalta Marandola Júnior (2008), torna-se necessário um olhar mais amplo sobre a mobilidade, que não associe de forma simplista ao deslocamento físico, mas sim com características de um fenômeno de modo apropriado. Deste modo, o exercício proposto mostrou por meio dos dados coletados, que com relação à Universidade, a cidade de São Paulo representa uma centralidade, tendo em vista a importância da USP não só para a cidade, mas também para o País como um todo, sendo a primeira e maior Universidade brasileira.

**Figura 2: Mapa - onde vivem os alunos da Geografia na RMSP?**



Elaborado por Marília Roggero - Philcarto

Muito dos alunos que participaram do exercício e que vivem na RMSP, fora do município de São Paulo, relataram problemas semelhantes aos dos alunos que vivem na cidade de São Paulo, em bairros mais afastados da USP. Dentre as dificuldades

## **O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP**

Marília Araujo Roggero

levantadas, a maioria refere-se à acessibilidade e à distância como as principais barreiras à mobilidade, sem deixar de lado a questão do tempo, ampliado pelo tráfego de veículos da metrópole e o sistema público de transporte deficitário, como comenta um dos alunos da disciplina: “É comum, portanto, durante a semana eu esperar na faculdade o ‘horário de pico’ dos metrô e ônibus para poder voltar para casa, quando as vias estão menos congestionadas e as distâncias acabam se encurtando um pouco”. Outra questão importante de ser ressaltada é que os alunos que vivem mais próximo do centro da cidade de São Paulo relataram que se deslocam menos do que os alunos que vivem em outras regiões ou mesmo em outras cidades da RMSP para realizar suas atividades, ou seja, mesmo o lazer acaba se concentrando em determinados lugares da capital. Desta forma, percebe-se que o cotidiano na metrópole dá-se de forma desigual, assim como os processos inerentes à urbanização. A identificação dos lugares, de acordo com Santos (1982) que são combinações localizadas de variáveis, mudam de papel e de valor, conforme a história vai acontecendo. Deste modo, o autor cita Cassirer para explicitar que a diferenciação dos lugares serve de base para a diferenciação dos conteúdos, do você, do eu e dos objetos. Assim, a reflexão se apoia no fato de que a diferenciação espacial é condição indispensável para que se estabeleça relação entre o objeto e sua representação.

Portanto, a percepção dos lugares para os estudantes, são mais diretas e mais específicas no que diz respeito ao aluno como indivíduo único, se destacando uns dos outros justamente pelas diversas variáveis que compõem o trajeto de tal indivíduo e que este, resulta em diversas formas de medir, ou em diversas métricas, chegando ao que chamamos de cotidiano, o qual podemos questionar até mesmo se a realidade do trânsito influencia na opção de deslocamento e de moradia. Nesse aspecto, os estudantes de famílias com menores rendimentos moram em cidades mais distantes dessa centralidade e se deslocam de distâncias muito maiores até à Universidade. Deste modo,

## **O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP**

Marília Araujo Roggero

a rotina casa-faculdade/faculdade-casa dificulta ainda a possibilidade de interação destes estudantes para o lazer e apreensão do eu como sujeito inserido na metrópole. Notamos que as distâncias não estão ligadas somente ao espaço geográfico em si, mas em relação ao eu e ao outro, como intercâmbio. Enquanto uns tem acesso imediato à cultura com acesso facilitado aos teatros, cinemas, parques, viagens, e muito mais, outros discorrem sobre o fardo de se ter pouco tempo para usufruir o lugar, dificultado pelos deslocamentos longos da casa para o local de estudo. Deste modo, o cotidiano acaba sendo moldado pela mobilidade e pela dificuldade de realizá-la.

A maior parte dos alunos do exercício utilizam o transporte público para chegar à Universidade. E ao ler os relatos do trajeto principalmente para a Universidade, destacado no presente artigo, foi que os alunos puderam perceber como o lugar é a dimensão geográfica do cotidiano. Os alunos que moram mais próximos da USP descreveram surpresos o fato de realizarem todas as suas tarefas, trabalho e/ou lazer em determinadas regiões da cidade que se circunscrevem próximas as suas residências, já os alunos que moram mais afastados da USP, se disponibilizam a frequentar outras regiões da cidade, muito estimulados pelo fato de já terem feito um trajeto longo para a vinda à USP, em outros casos, os moradores dos municípios vizinhos, perceberam quão pouco conhecem de São Paulo, somente por realizarem o trajeto para a Universidade.

O fato é que os alunos perceberam que quanto mais afastados do campus menos tempo sobra para as interações, nesse caso, a USP funciona como um centro com sua estrutura física e cultural totalmente constituída, deveria facilitar a interação com o espaço, que se torna espaço vivido e por consequência, cotidiano. À medida que vamos nos afastando desse centro, as distancias são aumentadas não só pela questão da métrica, mas também pela questão da cultura que se agrega à questão econômica, ao desgaste físico e psicológico. Notamos tais desgastes nas falas de alguns alunos que utilizam o transporte público, os quais para chegar até a Universidade passam pelas



## **O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP**

Marilia Araujo Roggero

mais diversas situações e vivem diariamente novas sensações, novas realidades. Os estudantes que utilizam o automóvel particular para se deslocar, passam pelas mesmas situações corriqueiras, porém sentem menos dificuldades para a realização do trajeto. Isso está ligado ao grau de articulação das redes, que em São Paulo está totalmente mobilizada para o uso do automóvel particular.

A rede dinamizada para o uso do carro acarreta num sistema, onde quem o possui vive em núcleos rotineiros e com intensidades de interações físicas mínimas, o qual quanto mais próximo estivermos dos contatos externos, mas riscos corremos em relação à violência, diminuindo a percepção do olhar ao redor, tornando mínima a observação dos detalhes. Quando estamos sozinhos dentro dos nossos carros observamos os mesmos detalhes e acontecimentos da cidade? O relato de um aluno, pode nos ajudar a organizar melhor tais questões, como por exemplo, quando ele decide no lugar de utilizar o carro, ir para a Universidade de bicicleta, muda e muito a sua percepção acerca do espaço: “Aqui é interessante observar que diferentemente do carro, com a bicicleta a paisagem torna-se mais chamativa; ao passar pelos lugares mais calmamente, os detalhes tornam-se mais visíveis, e a nossa percepção para o que está ao nosso redor é maior.” Viver do automóvel, depender dele para se locomover, nos torna mecânicos, diminuidor de nossas ações, pois a rotina em torno dele é rígida, é uma vida dentro de núcleos de baixa territorialização (casa-universidade/ universidade-academia/ academia-shopping/ shopping-casa), como cita Oliva (2004):

Por essa razão esses núcleos de baixa territorialização (mantém um baixo nível de relações com os espaços contíguos) também são denominados por nós como “subúrbios internos”. Essa reestruturação rebaixa a urbanidade da cidade, deteriorando os espaços públicos e abrindo caminho para o domínio das soluções privadas frente às dificuldades das cidades. (OLIVA, 2004. p. 7)



# O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP

Marilia Araujo Roggero

Continuando com as ideias de Oliva citando Santos (1996, p. 63), visto que o espaço é um componente social, devemos nos questionar como o sujeito se relaciona com objeto, tendo em vista que “[...] reconhecer o valor social dos objetos, mediante um enfoque geográfico. A significação geográfica é o valor geográfico dos objetos vêm do papel que, pelo fato de estarem e contiguidade, formando uma extensão contínua, e sistematicamente interligados, eles desempenham no processo social.” O que mostra que o automóvel como um objeto operante pode alterar o **sistema de ações**, transformando a cidade de São Paulo em uma cidade construída para o carro, onde quem não está inserido nesse sistema não segue o “fluxo sanguíneo” dela!

O princípio do qual se parte é que o espaço não é um fragmento da realidade social e sim uma dimensão do real total: nada na realidade social existiria sem o espaço. O espaço é transversal ao todo social.  
(OLIVA, 2004. p. 14)

A ideia para a construção do “mapa da menina” de Chombart de Lauwe (figura 1) foi a mesma utilizada para criar o mapa “onde vivem os alunos da geografia RMSP” de Marilia Roggero (figura 2), entretanto, Chombart de Lauwe utilizou dados do deslocamento da menina durante um ano na cidade de Paris. No exercício proposto aos alunos, foram somente duas semanas de deslocamentos e ainda na cidade de São Paulo, que se compararmos em termos de oferta de transporte público e tamanho em superfície, estamos em grande desvantagem com relação à Paris, isso porque o mapa data de 1957. Interessante notar que assim como a garota de Paris, concentrava suas atividades próximo do 16<sup>o</sup> arrondissement (distrito), pois era onde ela vivia. Isso ocorreu predominantemente com os mapas dos alunos que habitam a zona oeste próximos à

## **O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP**

Marília Araujo Roggero

Universidade, muitos reconheceram que seus mapas demonstraram a concentração de suas atividades nessa região da cidade.

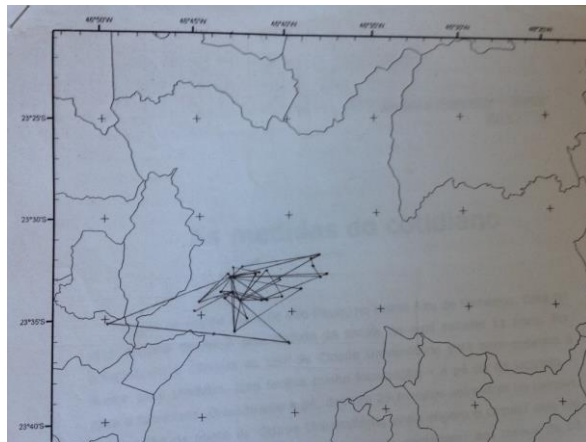
Outra questão relevante e que demonstra como muitas vezes o automóvel colabora para esse pensamento é que alguns alunos ficavam na dúvida se ir à padaria comprar pão, tratava-se de um deslocamento, talvez pela proximidade muitas vezes desse tipo de serviço, sem a necessidade de utilização de transporte, principalmente o carro, o que demonstra a baixa urbanidade de São Paulo. Se pensarmos que a urbanidade vincula-se à acessibilidade e que esta deve ser garantida pelo poder público, São Paulo apesar dos avanços, ainda não consegue garantir isso para sua população.

A dúvida dos estudantes nos suscitou curiosa reflexão, de que como o deslocamento é feito em grande parte pelo sistema viário, sejam em ônibus ou automóveis particulares, a impressão que se tinha é que as idas à farmácia, padaria ou em algum lugar muito próximo não se tratava de algo significativo na visão de alguns alunos, porém é interessante ressaltar que essas ações também fazem parte do cotidiano e embora sejam deslocamentos rápidos, são essas ações que muitas vezes possibilitam o convívio e interações sociais importantes, o lugar.

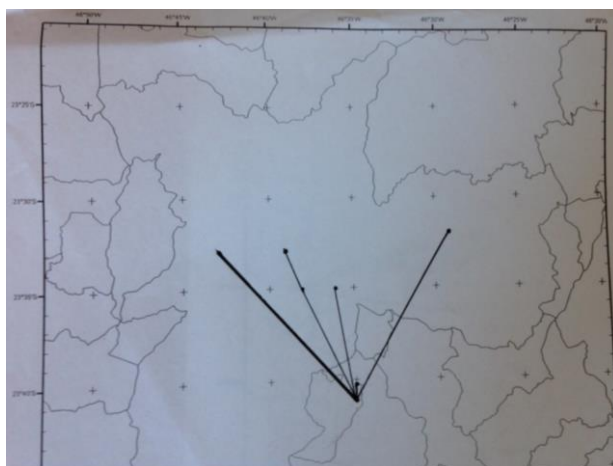
A seguir encontram-se as imagens de dois dos mapas analisados para exemplificar a ideia do exercício proposto e também a espacialidade alunos do primeiro ano. Não foi uma escolha proposital, mas sim por representar a diversidade de mapas que surgiram e também poder demonstrar os resultados esperados, baseados na ideia de Chombart de Lawue quando criou o mapa da menina em Paris.

# O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP

Marilia Araujo Roggero



Elaborado pela aluna Andréa Barreto para o exercício medidas do cotidiano, disciplina Introdução à cartografia, 2012.



Elaborado pela aluna Andressa Cunha para o exercício medidas do cotidiano, disciplina Introdução à cartografia, 2012.

Os relatos dos estudantes também foram de extrema importância para a elaboração do presente artigo em conjunto com a análise dos trajetos realizados durante duas semanas nos mapas.

## Considerações finais

## **O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP**

Marília Araujo Roggero

O exercício proposto foi um desafio tanto para os alunos quanto para a professora e os monitores da disciplina. Não havíamos pensado na questão de que não nos apropriamos do território urbano de maneira tão desigual. Dificilmente saímos de nossa rotina, nosso cotidiano e exploramos outras regiões da cidade ou da região metropolitana, salvos raras exceções. Os alunos também se surpreenderam com os resultados e perceberam que é nos lugares que o cotidiano é construído. Num primeiro momento foi difícil que os alunos conseguissem traçar paralelos com os verbetes propostos, mas ao longo das duas semanas e nas considerações de cada um percebemos que a proposta foi compreendida e cada relato trouxe uma nova perspectiva acerca do cotidiano e principalmente sobre acessibilidade.

Os alunos que moram mais distante da Universidade e utilizam transporte público, relataram mais sobre as dificuldades e a demora para se chegar ao local de estudo, os demais que moram mais próximos ou mesmo possuem automóvel, versaram sobre o trânsito e também sobre a percepção da quantidade de pedestres tanto dentro do campus como nas redondezas, é um local que não facilita o acesso à pé e por isso, são poucos que fazem os trajetos deste modo.

Além disso, foi importante para os alunos começarem a pensar em outras métricas e não somente a distância, algo tão naturalizado pela lógica centro-periferia nas grandes metrópoles. É nesse sentido que o espaço relativo, apontado por diversos autores, como Harvey (1969) por exemplo, pode ser entendido também a partir de relações estabelecidas entre objetos e que essas implicam em custos, tempo e energia para vencer o atrito imposto pela distância. (CORRÊA, 2011) Todas essas variáveis fizeram parte do levantamento dos alunos e a ideia do exercício era mesmo para eles pudessem refletir de uma forma mais ampla as complexidades do espaço geográfico e discuti-lo a partir do mapa criado por cada um deles.

# O EXERCÍCIO DAS MEDIDAS DO COTIDIANO E A ESPACIALIDADE NA METRÓPOLE DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – USP

Marília Araujo Roggero

## Referências Bibliográficas

Corrêa, R. L. *Espaço: um conceito-chave da Geografia*. In Geografia: Conceitos e Temas. Castro, I. E.; Gomes, P. C. C.; Corrêa, R. L. (Org.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Marandola Júnior, E. *Novos significados da mobilidade*. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982008000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982008000100013). Acesso em 23/11/2012.

Oliva, J. T. *A cidade sob quatro rodas. O automóvel particular como elemento constitutivo da cidade de São Paulo: o espaço geográfico como componente social*. Tese de Doutorado, 2004. FFLCH-USP. 364 p.

Silva, M. A. V. *Cotidiano e lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino*. Disponível em [www.edipe.ueg.br/aprovados.doc](http://www.edipe.ueg.br/aprovados.doc) II EDIPE, 2007. Acesso em 10/11/2013